

Nove economistas

Rogério L. Furquim Werneck*

Já a meio caminho do segundo turno da disputa presidencial, Lula da Silva continua a mostrar enorme dificuldade para se mover de forma inequívoca para o centro, no eixo que de fato importa, que é o da condução da política econômica.

Embalado por meses de folgada liderança nas pesquisas de intenção de voto, o ex-presidente deixou-se levar pela fantasia de que, desta vez, poderia se permitir vencer a eleição presidencial sem nada adiantar sobre a política econômica que adotaria caso viesse a ser eleito. Com o tempo, a fantasia parece ter-se convertido em obstinação.

Inspirados em Maomé e a montanha, figuras emblemáticas das forças de centro se dispuseram a se aproximar de Lula, na expectativa de que isso pudesse lhe facilitar o movimento que se faz necessário. Ganhou destaque nas últimas semanas o apoio explícito ao candidato da parte de Simone Tebet, de FHC e de economistas que se destacaram no Plano Real e na condução da política econômica nos seus dois governos.

Mas cada um percebe o que mais lhe convém. E, na campanha de Lula, tais apoios parecem ter sido lidos como iniciativas que teriam dado “conforto” ao candidato petista para permanecer onde está, sem definições mais claras da política econômica que pretende seguir ou menções a nomes que poderiam vir a integrar sua equipe.

Agarrado ao mantra de que seu desempenho ao longo de dois mandatos como presidente da República lhe dispensa de maiores explicações sobre isso, Lula recusa-se a admitir que sua ficha também lhe imputa o desastroso mandato e meio de Dilma Rousseff de que o País não tem como se esquecer.

É mais do que natural que, no que tange à política econômica, o eleitor se preocupe em saber qual Lula agora lhe fala: o do primeiro mandato, o da nova matriz econômica ou o que cometeu o duplo desatino de alçar Dilma à Presidência e depois reelegê-la.

Há boas razões para crer que, para conquistar os votos que lhe faltam para vencer a disputa presidencial, Lula terá de ser bem mais explícito sobre como mesmo pretende lidar com o intrincado quadro econômico com que poderá ter de enfrentar em pouco mais de dois meses. Inclusive porque é mais do que sabido que não há no PT um mínimo de consenso sobre o que deveria ser feito.

O próprio Lula não esconde de ninguém a cizânia sobre a condução da política econômica que ainda hoje prevalece no partido. Basta ter em mente o argumento que brandiu na semana passada para rebater a ideia de nomear desde já quem encabeçaria

sua equipe econômica. “É loucura alguém imaginar que você pode anunciar um time antes. Se tenho dez economistas aqui e indico um, vou conquistar um e perder nove.” (*O Globo*, 7/10)

Na esteira de uma campanha de segundo turno a cada dia mais renhida, a dianteira que Lula continua ter nas pesquisas de intenção de voto pode se revelar ilusória. No primeiro turno, 13 milhões dos votos que supostamente lhe cabiam desapareceram nos desvãos da abstenção.

É bem provável que eleitores de centro venham a ser o fiel da balança da eleição presidencial. Em algum momento das próximas duas semanas, Lula terá de decidir se mais vale não “perder” nove de seus economistas ou conquistar votos decisivos que poderão lhe significar a diferença entre a derrota e a vitória.

Será preciso bem mais do que os gestos generosos de figuras proeminentes do centro, que se prontificaram a relevar as indefinições de Lula e lhe antecipar o apoio, para que a massa do eleitorado de centro faça o mesmo. Inclusive porque, gostemos ou não, boa parte desse eleitorado não tem o grau de aversão a Bolsonaro que inspirou tais gestos.

Seja como for, é bem provável que parcela substancial dos eleitores de centro não se disponha a aguardar o desfecho do “amplo debate interno” do PT, para saber que linha de política econômica sairá da caixa de surpresas que Lula só pretende abrir depois de eleito. E que esteja propensa a lhe negar o voto, a menos que se depare, afinal, com evidências minimamente convincentes de que o Lula de hoje voltou a ser o do início do seu primeiro mandato.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.